

O AFETO E AS INFÂNCIAS: OS OLHARES DE FURTER E FREIRE

Natália Moreira Altoé¹

Eliane Santos Vieira

RESUMO

Esse artigo é apenas o início de muitas discussões a serem desenvolvidas perto da comunidade escolar. Torna-se uma continuidade do primeiro intitulado “PAULO FREIRE E A SINGULARIDADE DAS INFÂNCIAS”. Como o ser humano está em constante transformação, portanto permanentemente, não se finda, pois enquanto existir vida, o ser humano transforma-se biopsicossocial. Entretanto, nesse artigo continuaremos nossa abordagem em especial às crianças. Por perceber serem a base de um contexto escolar e social transformador. Após um longo período da nossa História recente, ser deixada de lado, quase sem significância para o contexto histórico-social, considerado fardos para alguns, mentes iluminadas surgem mundialmente e chegando também aos estudos por teóricos, aqui no Brasil, um olhar esperançoso sobre perceber o quanto temos que aprender e ensinar a esses pequenos que para sua grande jornada, para que não seja interrompida, precisam da família, dos educadores como também da comunidade a qual estão inseridos, para que sua trajetória transformadora e de formação os permita-se resistentes e esperançosos para que objetivos traçados possam ser galgados.

PALAVRAS CHAVE:

Pedagogia Social, Educação, Infâncias.

¹ Natália Moreira Altoé - Graduada em Serviço Social e Pedagogia pela Universidade Federal Fluminense, Pós-Graduada em Pedagogia Social para o Século XXI pela Universidade Federal Fluminense e Mestre em Educação pela Universidade Federal Fluminense. Eliane Santos Vieira- Graduação em Pedagogia UFF; Pós-Graduação em Psicopedagogia Institucional e Clínica AVM; Palestrante; Conferencista, Pós-Graduada em Neuropsicopedagogia; Pós-Graduada em Gestão e Competitividade; Pós-Graduada em Ludicidade.



RESUMEN

Este artículo es sólo el comienzo de muchas discusiones que se desarrollarán dentro de la comunidad escolar. Se convierte en continuación del primero titulado “PAULO FREIRE Y LA SINGULARIDAD DE LA INFANCIA”. Como el ser humano está en constante transformación, por lo tanto permanente, esta no termina, porque mientras existe la vida, el ser humano se transforma biopsicosocial. Sin embargo, en este artículo continuaremos nuestro enfoque en particular hacia los niños. Por darnos cuenta de que son la base de un contexto escolar y social transformador. Después de un largo período de nuestra historia reciente, dejadas de lado, casi sin trascendencia para el contexto histórico-social, consideradas cargas para algunos, emergen mentes ilustradas en todo el mundo y alcanzando también estudios de teóricos, aquí en Brasil, una mirada esperanzada para darse cuenta de cuánto tenemos que aprender y enseñar a estos pequeños que para su gran camino, para que no se vea interrumpido, necesitan de sus familiares, educadores así como de la comunidad en la que están insertos, para que su trayectoria transformadora y educativa les permita ser resilientes y esperanzados en que los objetivos fijados puedan alcanzarse.

PALABRAS CLAVE:

Pedagogía Social, Educación, Infancia.

INTRODUÇÃO

O presente artigo busca abordar as contribuições de Paulo Freire e Furter para pensarmos acerca das infâncias. É viável perceber que muitas das nossas instituições, ainda não são o que determina a lei, porém enormes esforços vêm ocorrendo para que nossas crianças se sintam acolhidas dentro desses espaços físicos, como também em sua formação educacional, com uma proposta de termos futuramente, cidadãos conscientes de seus direitos e deveres, como também serem capazes de uma

ação crítica e reflexiva da sociedade a qual pertencem, promovendo transformações que possam deixar um legado para uma sociedade mais igualitária para todos.

O educador, além de nossas crianças, é um grande protagonista desse feito. Ele, mesmo usando de sua neutralidade, age de ato político, pois se encontra em um espaço institucional, sistemático, educacional aberto, pois a escola possui um sistema educacional aberto tendo em vista que se relaciona com vários outros sistemas como a família, comunidade, igrejas, clubes, outras escolas etc., contudo ainda ocorre muita resistência da instituição escolar em abrir-se de forma acolhedora e eficaz à várias outras instituições.

A PARTICULARIDADE DO PROFISSIONAL DAS INFÂNCIAS: ALGUNS APONTAMENTOS BASEADOS EM FREIRE E FURTER

O profissional ao qual está sendo focado, é o professor/educador que se permite rever seus conceitos, procura pesquisar e se qualificar aprimorando assim, a sua formação. Este é um grande potencializador de transformação. Seu processo de ensino-aprendizado passa a ser intencional. De certo que o educador e o educando, transformam-se constantemente, pois não usam da forma hierárquica para produzirem conhecimento e configuram-se com bases em saberes primários que muito enriquecem o cotidiano escolar; isto não desqualifica a necessidade de se fazer uso do currículo formal que o professor de certa forma é o condutor do aprendente.

Não esquecer que criança está inserida no lúdico um ponto focal para que o professor possa se rever quanta a questão de ter propriedade em lidar, formar, conduzir e construir junto às crianças. Portanto a existência de profissionais qualificados e intencionados em construir uma educação de qualidade que fomenta discussões com várias vertentes, e que após reflexões possam conduzir à uma identidade de educação visivelmente contribuidora com respaldos no ensino-aprendizado, creio ser uma utopia. Porém, se o, sonho não for grande, as ações e decisões em prol desse sonho também não serão.

Rebuscamos o fortalecimento dessas escritas na citação de Paulo Freire:



“O professor que não leve a sério sua formação, que não estude, que não se esforce para estar à altura de sua tarefa não tem força moral para coordenar as atividades de sua classe. Isto não significa, porém, que a opção é a prática democrática do professor ou da professora sejam determinadas por sua competência científica [...] o que quero dizer é que a incompetência profissional desqualifica a autora do professor (FREIRE, 1996, p.92)”.

Lidar com criança é algo memorável, pois desencadeia “adrenalina”. Toda criança possui potencial. Não importa a classe social a qual está inserida. Ser complexo com saberes por vezes adormecidos e cave ao professor/educador fazer com que esses saberes sejam ativados estimulados redescoberto. Para que esse arcabouço de saberes possa impregnar ambientes transformadores, o professor deverá ter também um potencial afetivo que unindo a sua formação técnica e a sua prática contribuirá com mais eficácia na formação das crianças. Não é perceber a criança ou demonstrar que ela seja uma coitadinha, desprovida de recursos etc., mas sim, cabe ao professor, permitir que a criança ao precisar de sua atenção em momentos específicos, o tenha de forma afetuosa. Tem criança que vai mais além e tem o professor como modelo a ser seguido. Muitas vezes o professor também se apropria da afetividade proposta pela criança, como alguém que se permite aprender, acolher e admitir o não conhecimento que nossas crianças têm a oferecer.

Essa simbiose natural, traduzir-se em afetividade. Esse tipo de afeto é um grande aliado na formação e transformação no processo educacional como um todo. É notório que o trabalho nas instituições escolares requer uma formação além do que nos ensinam nos bancos escolares e nas academias de ensino. Pois acolher nossos pequenos é um dos principais básicos para ser um profissional da educação. O Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil nos diz:

“[...] o professor deve conhecer e considerar as singularidades das crianças de diferentes idades, assim com as diversidades de hábitos, costumes, valores, crenças, etnias etc. das crianças com as quais trabalha respeitando suas diferenças e ampliando



suas pautas de socialização. Nessa perspectiva, o professor é mediador entre as crianças e os objetos de conhecimento. [...].

Na instituição de educação/ infantil o professor constitui-se, portanto, no parceiro mais experiente, por excelência, cuja função é propiciar e garantir um ambiente rico, prazeroso, saudável e não discriminatório de experiências educativas e/sociais variadas (BRASIL, 1998, p. 30)”. Tudo descrito acima nos permite o intensificar no propósito de sermos intencionais nas nossas atitudes e ações com relação às nossas crianças. Fortalecendo a nossa práxis, através da teoria e prática, indissociável, nos permitindo de firma sólida ter um olhar não só educativo como social diante de nosso fazer pedagógico.

A Pedagogia Social, sem dúvida discutir sobre a importância que vem tendo, em vários lugares do planeta, como uma Ciência que fortalece, as ações diante

práticas, não se atentando apenas aos espaços institucionais formais, pois ela é uma ciência a todos que dela vierem precisar, nos coloca em uma situação mais favorável, pois através dela adquirimos conhecimentos primordiais que nos permite usar de vários caminhos a contemplar as necessidades que nossas crianças possam a vir precisar. Dentre eles estão o afeto, o acolhimento, a resiliência, o respeito, a escuta, o olhar, a empatia, o silêncio, o AMOR etc. Araújo (2015) nos permite refletir sobre:

Se puderem ser aceitas, chegar e permanecer como são e estão na escola, para que, a partir da convivência cotidiana neste espaço, aprendam o ensinado, considerando suas possibilidades, sem precisar se transformar em outras crianças para aprender; conseguem encontrar o que buscam e, ao encontrar, realizam plenamente seus sonhos (ARAÚJO, 2015, p.61).

As instituições de Educação Infantil, adequadas a cada realidade, se situam, então, como um ambiente formador que, na contramão da educação bancária, proporciona às crianças liberdade, autonomia,



responsabilidade e decisão, para que possam pensar por elas mesmas e não de acordo com o que a sociedade hegemônica quer que elas pensem.

Após os aportes freireanos, trouxemos o diálogo com Furter, que nos ajuda a refletir sobre a pedagogia da escuta, apontada ao longo deste texto, quando retornamos à questão da formação do professor/educador. Usamos esses dois termos, pois não desvinculamos o formador currículo do formador do saber popular. Temos esse profissional com um olhar humanista. Além de perceber-se humano, age da própria humanidade para com o outro. Essa ação toca em sentimentos que por vezes esquecidos, venham fortalecer os laços entre o professor/educador e seus aprendentes. Furter define a importância da formação como:

Em resumo, constatamos que a Educação Permanente não pode ser reduzida nem a uma educação extraescolar, nem complementar, nem prolongada, nem fundamental, nem tampouco de adultos, porque todas estas interpretações só veem uma parte do problema. A Educação Permanente não é algo que se acrescente a um sistema dado. Não é um novo sector, um novo campo. Trata-se de uma nova perspectiva, que leva os educadores a redefinir toda e qualquer educação. (1966: 136)

Relacionamos as contribuições dos autores com a ciência Pedagogia Social, pois quando tem -se à leitura sobre ela, (através de livros, artigos, revistas acadêmicas etc.), pensamos ser sabedores e até nos categorizamos como tal, porém a Pedagogia Social é quem nos domina, nos escolhe, nos aponta e nos diz o que fazer. É algo que toca a gente bem lá dentro, dói o coração, não a dor do infarto, a dor que desperta em nós o que fazer. Podemos ajeitar, organizar, acolher, reservar, empatizar, se colocar no lugar, do outro em caminhar, dividir, resistir e servir, enfim essa ciência, que é um MASTER, pois provoca, e sugere soluções nos espaços menos prováveis que se possa imaginar.

A EXPERIÊNCIA PRÁTICA DAS AUTORAS: O DIÁLOGO COM A BASE TEÓRICA

As experiências vivenciadas pelas autoras fizeram conceitos serem questionados, certezas foram quebradas e ações tiveram que tomar novos caminhos, para que pudéssemos adequar e nos colocar à disposição daquelas crianças. Percebemos a necessidade de um ato social mais humanizado para que pudesse realmente ter pertencimento no espaço que ocupa e ter consciência de comprometimento de pelo menos fazer a diferença com aquelas crianças. Como resultado desta forma de trabalho, ressaltamos a conquista de ricas aprendizagens com as crianças, que puderam desencantar e serem realmente crianças.

Os relatos a seguir são verídicos, vivenciados nestes espaços de trabalho, voltados a Educação Infantil, porém o nome das crianças será preservado.

Parecia ser um dia de rotina normal. Em sala, após o desjejum, sentados na rodinha, cantávamos músicas, dando o “Bom dia!”, quando M.R. levantou -se olhar cabisbaixo, veio a minha direção, e se acolheu entre meus braços e pernas, colocando sua cabeça contra o meu peito. A colega gritou e ordenou que M.R. retornasse ao logo apontado. Com um simples gesto com as mãos. Pedi que ela parasse. Mesmo contrariada a colega de trabalho, atendeu- se aos demais crianças, como se M.R. não estivesse ali. Fiquei alguns minutos sem dizer nada.

Abracei-a, coloquei minha cabeça sobre a dela; me deu medo, pois os piolhos caminhavam por entre as tranças da pequena M.R. Algun tempo depois levantei-me, tomei M.R. pelas mãos e a levei para um canto da sala de aula. Ela apenas me olhava. Triste. Calada. Em pouco tempo, as lágrimas desciam sobre suas bochechas. Apesar de bem magrinha, M.R. tinha bocejas. Então perguntei o que está acontecendo. Nada dizia. Calei- me, e a coloquei no colo.

A turma brincava, cantava, como a existência da M.R. não importava. Ela em um momento disse querer ir para casa. Disse que iria, após o almoço, após o sono, o lanche e o jantar, aí ela iria encontrar à mãe. Então ela disse que não seria a mãe e sim o pai. Foi a primeira vez que ouvi a voz de M.R. A colega de trabalho dizia que M.R. era muito faltosa, que sua higiene ficava a desejar e que não se



enturmava com os demais colegas. Então perguntei o que tinha feito para mudar essa situação, e então ela me disse que não dava conta, muita criança (20 crianças), que não tinha tempo para nada, que a profissional de serviços gerais que ficava em sala quando precisava beber uma água, ir ao banheiro etc. Fiquei a pensar em que condições o profissional de educação vivia no espaço físico de trabalho... Retornando a M.R., houve uma calmaria. O choro foi cedendo, pude ver depois de várias tentativas, um esboço de sorriso saindo dos lábios da M.R. e pude ver também, a quantidade de dentes cariados. Triste realidade. A partir daquele dia, M.R. tornou-se mais ativa, diante das propostas das atividades apresentadas, participando das brincadeiras junto aos colegas.

Com este exemplo e relato, fica evidente que o caso de M.R. a atitude do acolhimento foi o meio encontrado para apoiá-la no que estava sentindo naquele momento e o silêncio, a fez perceber, que houve o respeito ao que ela estava sentindo. Sabemos que é difícil. A realidade é bem outra, porém devemos fazer no momento que der para fazer; não esperar o depois. Percebe-se que a criança é deixada na Instituição escolar, sem ao mesmo ser conversado, que espaço é aquele em que uma boa parte do dia, ela estará inserida? Difícil esse processo. Mesmo com todas essas adversidades, acreditamos que a educação faça toda diferença, para termos uma sociedade melhor. Como M.R., outras crianças, marcaram e muito o nosso fazer pedagógico. Nós profissionais humanizados, que usamos da Práxis no nosso cotidiano e ficamos às ações adversas e necessárias, criando estratégias em busca de criar possibilidades para que nossas crianças possam se sentir pertencentes nesses espaços formais e não formais onde possam adquirir olhar de conhecimentos, culturas, no decorrer da sua formação enquanto cidadão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com o que foi exposto buscou-se ampliar o debate acerca de se ampliar o olhar acerca da educação e de sua valorização como um todo, em especial utilizar como instrumento a escuta sensível, qualificada e o afeto, pois



a dimensão socioeducativa tem a possibilidade e potência de transformar a realidade a volta. O objetivo é construir pertencimento e fortalecimento dos laços de solidariedade num cenário que reina o individualismo, o preconceito e conformismo.

Conclui-se que a criança traz consigo suas vivências e experiências que não devem ser anuladas. Dessa forma, atingir a singularidade é se aproximar da realidade do educando, com diálogo e espaço de troca de saberes. O reconhecimento de que ser criança é diferente de ser adulto, ou seja, a ideia de que a infância é um ciclo da vida com características próprias e distintas dos demais ciclos, - e o que o torna singular -, e que foi historicamente construída.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, D. F. 3 de dez. 2004. Seção 1.
- FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 20^a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 39. ed., São Paulo: Paz e Terra, 2009.
- FREIRE, P.; FAUDEZ, A. *Por uma pedagogia da pergunta*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- FREIRE, P. Cartas a Cristina. *Reflexões sobre minha vida é minha práxis*. São Paulo; Paz e Terra, 2^o ed. ,2015.
- FURTER, PIERRE (1966). *Educação e vida*. Petrópolis/Rio de Janeiro: Vozes.
- FURTER, PIERRE (1970). *Educação e reflexão*(3^a ed.). Petrópolis/Rio de Janeiro: Vozes.
- FURTER, PIERRE (1977). *L'Amérique utopique: Essai sur la contribution de la pensée utopique au développement de la formation des latino-américains*. Genebra: Université de Genève.